

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O conforto da proteção e a aversão ao risco: os dois lados da mesma armadilha portuguesa

Publicado em 2026-06-02 15:23:00



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



 O conforto da proteção e a aversão ao risco: os dois lados da mesma armadilha portuguesa.

O conforto do protecionismo e a fuga do lucro: o paradoxo que trava Portugal

Ensaio sobre a intervenção estatal, a aversão empresarial ao risco, a sangria fiscal e o atraso estrutural do tecido produtivo nacional

Há um paradoxo que o país insiste em não escrutinar: **exigimos inovação mas protegemos o imobilismo, apelamos ao empreendedorismo mas recompensamos a subserviência ao Estado.** Portugal vive agarrado a um modelo de capitalismo de compadrio onde o Estado é, simultaneamente, o principal

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

produtividade ou soberania.

O diagnóstico é amargo, mas a realidade não mente: Portugal é um país de avessos ao risco, onde os empresários preferem a renda protegida do Estado à aventura do mercado global, e onde o capital que é gerado dentro de portas encontra sempre uma janela para escapar. **O problema não é apenas o Estado que intervém demasiado; é o empresário que se acomoda no conforto dessa intervenção.** Um tecido empresarial minado pelo facilitismo, sistemas fiscais que premiam a esperteza tributária em vez do reinvestimento, e uma economia real que sangra milhões todos os dias.



Pondé: a farsa do politicamente correto estende-se à economia, onde se exige ousadia sem se gostar verdadeiramente do risco.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A despesa pública em Portugal rondou os 107 mil milhões de euros em 2022, o equivalente a 44,8% do PIB[reference:o]. O Estado é, sozinho, o maior comprador, o maior empregador e o maior regulador. Este peso gigantesco não é, por si só, um pecado. O pecado é a forma **ineficiente e clientelar** como ele é exercido. Investimento público que devia servir de catalisador para a economia real cai, muitas vezes, no vazio da burocracia. Apenas 2,5% do PIB é canalizado para investimento público produtivo, um dos valores mais baixos da Europa[reference:1]. O resto é **despesa corrente para alimentar uma máquina que consome, mas não transforma.**



O capitalismo de compadrio: a "porta giratória" silenciosa

O verdadeiro cancro está na promiscuidade entre o poder político e o poder económico. Empresários que construíram impérios à sombra das compras públicas, gestores públicos que saltam para os conselhos de administração das empresas que outrora fiscalizavam, e **um sistema inteiro desenhado para eliminar o risco e garantir a renda.** O resultado é um tecido empresarial mimado, que chora pela "bazuca" dos fundos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

muscularmente atrofiado.



O retrato de um sistema viciado

- **44,8% do PIB** — Peso da despesa pública na economia.
- **2,5% do PIB** — Valor residual do investimento público produtivo.
- **107 mil milhões €** — Despesa pública anual, maioritariamente corrente.
- **1.045 milhões €/ano** — Fuga de capitais para paraísos fiscais.

O empresário que não arrisca (e o lucro que foge)



A cultura da aversão ao risco

Portugal habituou-se a elogiar o empreendedorismo sem, verdadeiramente, gostar do risco[reference:2]. O insucesso empresarial, em vez de ser uma aprendizagem, é uma mancha. A relação da banca com a economia produtiva é um dos melhores exemplos: o sistema financeiro tornou-se mais confortável a financiar o consumo e o imobiliário do que a transformação

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

empresas, cria uma geração de empresários que são mestres na arte de gerir a subsistência, mas analfabetos na ciência do crescimento exponencial. **O problema é cultural: em Portugal, falhar é condenado.** E enquanto a falha for um atestado de incompetência e não um selo de experiência, ninguém arriscará a sério.

O destino do lucro: paraísos fiscais e fuga ao fisco

Ao mesmo tempo que se queixam da falta de apoio, muitos dos que geram riqueza em Portugal tratam de a **esconder ou enviar para fora**. O país perde, por ano, cerca de 1.045 milhões de euros em fuga de capitais para paraísos fiscais, o que corresponde a 2,9 milhões de euros por dia, ou cerca de 2% da receita fiscal total[reference: 4]. Esta sangria silenciosa, alimentada por esquemas de evasão fiscal e otimização contabilística, é um rombo brutal no orçamento de todos os portugueses. O lucro que devia ser reinvestido em inovação, formação ou melhores salários é canalizado para contas na Suíça, no Luxemburgo ou nas Ilhas Caimão. **O Estado até fecha os olhos: a lista de "paraísos fiscais" foi recentemente aliviada com a saída de jurisdições como Hong Kong**[reference:5].

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

(5.091 ativas em 2025[reference:6]). Mas a esmagadora maioria são micro ou pequenas empresas, com baixa capacidade de escala e internacionalização. Um pequeno oásis de inovação não esconde o **deserto industrial** que é o resto do país. A maioria do nosso empresariado continua refém de modelos de negócio de baixo valor acrescentado (restauração, comércio, construção civil), incapaz de competir em tecnologia, design ou I&D. Enquanto isso, a indústria de alto valor e a produção nacional continuam definhando, sufocadas por uma burocracia cara e lenta que desincentiva o investimento[reference:7].



“Criámos uma economia onde se exige ousadia às empresas, enquanto o próprio sistema lhes retira margem para ousar. Quando o sucesso é taxado e o falhanço condenado, o investimento transforma-se num ato de resistência.” — Adaptado de artigo do Observador

O que fazer (para quebrar o ciclo do subdesenvolvimento)



1. Acabar com o "capitalismo de compadrio"

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



2. Redirecionar os fundos europeus para a inovação produtiva

Acabar com o facilitismo dos fundos. Os apoios públicos devem ser condicionados a metas claras de criação de valor, I&D e aumento de escala.



3. Tornar o IRC mais baixo, mas mais justo

Reduzir a taxa geral, mas eliminar os benefícios fiscais que permitem às multinacionais pagar zero de impostos. Parar a sangria da fuga de capitais.



4. Mudar a cultura: valorizar o risco e ressignificar o falhanço

Desburocratizar a criação de empresas, criar fundos de capital de risco público-privados e, sobretudo, parar de criminalizar quem tenta e falha.



5. Reforma política como condição sine qua non

Enquanto a classe política for refém dos grupos de interesses instalados, nenhuma destas reformas será possível. Listas abertas, círculos uninominais e fim do financiamento empresarial aos partidos são o ponto de partida.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal não pode continuar a ser o país do "protege-se o amigo, ignora-se o fisco e espera-se a bazuca". Enquanto o Estado atrapalhar e o empresariado se acomodar, a economia continuará anémica e condenada à mediocridade. O caminho é doloroso: implica dizer "não" aos grupos instalados, **cortar o cordão umbilical do protecionismo e criar um verdadeiro ecossistema de risco e recompensa**. Deixar para trás o capitalismo de compadrio e abraçar uma economia onde o sucesso dependa da capacidade de criar valor real, e não da habilidade de gerir a proteção estatal. Caso contrário, Portugal continuará refém de uma simbiose perversa entre um Estado obeso e um empresariado cobarde, sempre a caminho do próximo resgate e sempre a perder os seus melhores e o seu futuro.

Sombra de Dúvida

nem todas as certezas merecem descanso

✍️ Ensaio publicado em **Fragmentos do Caos** — cidadania, Portugal e o mundo. Texto em português de Portugal (AO 1990). Partilha livre com citação da fonte e do autor.